



O receptor e o radiojornalismo Meio ambiente e qualidade de vida na pauta radiofônica¹

Gabrielli Siqueira DALA VECHIA²
Anelise Schütz DIAS³
Cristiano Magrini RODRIGUES⁴
Felipe Viero KOLINSKI MCHADO⁵
Luiz Henrique COLETTI⁶
Marcos Vinícios RODRIGUES⁷
Mariana Cervi SOARES⁸
Michelle Pinheiro FALCÃO⁹
William VINDERFELTES¹⁰

Universidade Federal de Santa Maria – UFSM

RESUMO

Tomando por pressuposto as contribuições dos Estudos Culturais britânicos aos estudos de recepção midiática, no que tange à centralidade do conceito de cultura e à relativa independência do receptor no processo de interpretação de mensagens, este trabalho objetiva lançar um olhar ao radiojornalismo através dos ouvintes. Utilizando-se o radiojornal semanal Ecolândia, pautado por temáticas de meio ambiente e qualidade de vida e veiculado na rádio comunitária Caraí-106.3, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com seis ouvintes. Os resultados apontam para a centralidade do rádio na cotidianidade da amostra, o interesse sobre questões ligadas ao meio ambiente e a

¹ Trabalho apresentado na Divisão Temática Jornalismo, da Intercom Júnior – Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Estudante de Graduação, 8º semestre do Curso de Jornalismo da UFSM, e-mail: gabriellidalavechia@yahoo.com.br

³ Estudante de Graduação, 4º semestre do Curso de Jornalismo da UFSM, e-mail: pylinha@gmail.com

⁴ Estudante de Graduação, 6º semestre do Curso de Jornalismo da UFSM, e-mail: cristiano.magrinirodrigues@gmail.com

⁵ Estudante de Graduação, 8º semestre do Curso de Jornalismo da UFSM, e-mail: felipeviero@yahoo.com.br

⁶ Estudante de Graduação, 8º semestre do Curso de Jornalismo da UFSM, e-mail: luiz.media@gmail.com

⁷ Estudante de Graduação, 2º semestre do Curso de Jornalismo da UFSM, e-mail: rodrigues.marcosvinicios@yahoo.com.br

⁸ Estudante de Graduação, 6º semestre do Curso de Jornalismo da UFSM, e-mail: mariana.cs@live.com

⁹ Estudante de Graduação, 6º semestre do Curso de Jornalismo da UFSM, e-mail: michellefalcao@gmail.com

¹⁰ Estudante de Graduação, 2º semestre do Curso de Jornalismo da UFSM, e-mail: williamvinderfeltes@yahoo.com.br



crença no radiojornalismo como dispositivo pedagógico capaz de promover mudanças de comportamento na sua audiência.

PALAVRAS-CHAVE: Recepção; Radiojornalismo; Meio ambiente; Estudos Culturais.

1. Introdução

Ao sugerir que a recepção deve ser entendida não como mera etapa do processo comunicacional, mas como um local novo de onde se deve repensá-lo, Martín-Barbero (2001) reafirma uma versão latinoamericana da corrente teórica que privilegia o receptor como sujeito capaz de dar sentido às mensagens midiáticas: os estudos de recepção. Tal corrente está, teórica e metodologicamente, vinculada aos Estudos Culturais britânicos, que nasceram na década de 60, como uma reação às concepções frankfurtianas de indivíduo, tido como ser desprovido de autonomia e criticidade perante a indústria cultural (WOLF, 1985).

O *Ecolândia* é um projeto de extensão universitária do Grupo PET (Programa de Educação Tutorial) do Curso de Comunicação Social da UFSM e, desde 2006, consiste em um radiojornal semanal que trata de questões relativas ao meio ambiente e à qualidade de vida. Tal programa é veiculado pela Rádio Comunitária Caraí FM, que tem abrangência em toda a região sul da cidade de Santa Maria-RS, mas a ênfase é em uma comunidade carente de infraestrutura e formada por pessoas de baixa renda e baixa escolaridade.

Interseccionando os pressupostos do aporte teórico dos Estudos Culturais com o radiojornal em questão, este artigo se propõe a relatar um estudo de recepção desenvolvido junto a seis ouvintes da Rádio Caraí para procurar compreender as relações de tais pessoas com a mídia radiofônica em geral e com o programa, em particular.



2. Aporte teórico: Estudos Culturais e Multimeiações

Oriundos das pesquisas desenvolvidas pelo hoje extinto Centre from Contemporary Cultural Studies (CCCS), da University of Birmingham, os Estudos Culturais se desenvolveram a partir do objetivo de superação do marxismo pelo marxismo. A ideia basilar do pensamento marxista ortodoxo, de que as superestruturas (política, cultura) são determinadas pela infraestrutura econômica, é combatida com veemência pelos fundadores de tal escola, por manter uma visão mecanicista de cultura. (HALL, 2003).

Porém, para além do marxismo, aos Estudos Culturais é basilar a reconfiguração conceitual de cultura. Tal perspectiva teórica se esforça para “retirar o estudo da cultura do domínio pouco igualitário e democrático das formas de julgamento e avaliação que, plantadas no terreno da ‘alta’ cultura, lançam um olhar de condescendência para a não-cultura das massas.” (JOHNSON; ESCOSTEGUY; SHULMAN, 1999, p. 20). No âmago dos Estudos Culturais está a preocupação em subverter o status depreciativo a que estavam (estão?) relegadas as culturas populares: suas três obras seminais¹¹ trataram da temática.

Martín-Barbero & Rey (2001) identificam que o conceito de cultura como sinônimo de vivências da elite, ideia rechaçada pelos Estudos Culturais, tem raízes seculares:

(...) confundindo iletrado com inculto, as elites ilustradas, desde o século XVIII, ao tempo que firmavam o povo na política, o negavam na cultura, fazendo da incultura o traço intrínseco que configurava a identidade dos setores populares e o insulto com que tapavam sua interessada incapacidade de aceitar que, nesses setores, pudesse haver experiências e matrizes de outra cultura. (MARTÍN-BARBERO & REY, 2001, p. 24).

Até meados da década de 1970, porém, as pesquisas desenvolvidas no âmbito dos Estudos Culturais seguiam as bases da crítica literária. Ou seja, embora o contexto social e histórico da audiência fosse tomado como relevante para a análise das leituras das mensagens midiáticas, o discurso dos meios era tido como dado. Assim, supunha-se, a partir do texto, qual seria o entendimento do sujeito-receptor.

¹¹ *The uses of literacy* (Richard Hoggart, 1957); *Culture and Society* (Raymond Williams, 1958); *The making of the English Working-class* (E.P. Thompson, 1963)



A mudança de ponto de vista de tal corrente teórica iniciou em 1973 quando, originalmente, o jamaicano Stuart Hall publicou o ensaio Codificação/Decodificação, que

trata o processo de comunicação televisiva segundo quatro momentos distintos: produção, circulação, distribuição/consumo e reprodução. Cada etapa possui suas próprias formas e condições de existência, mas estão articuladas entre si e determinadas por relações de poderes institucionais. (ESCOSTEGUY; JACKS, 2005, p. 40).

No que tange à etapa da Decodificação, momento do processo comunicacional privilegiado no presente trabalho, Hall identifica três posições hipotéticas de leitura que os receptores poderiam ocupar em relação à mensagem: preferencial, negociada e opositiva.

Existe uma posição de transparência ideal e de equivalência perfeita entre os dois momentos onde a leitura corresponde mais ou menos perfeitamente com o modo de preferência do texto. Em seguida, ocorre o oposto disso, uma leitura sistemática do ponto de vista opositor, que pode ou não entender o sentido que foi preferido na construção, mas via de regra, retira do mesmo texto exatamente o oposto. (...) Pois eu prefiro algo entre esses dois extremos. Então, simplesmente falo do código negociado. (...) A verdade é que as leituras negociadas são, provavelmente, o que a maioria de nós faz a maior parte do tempo. (HALL, 2003, p. 349-50).

A primeira aplicação empírica das posições hipotéticas de Hall foi colocada por Morley (1980) na análise de Nationwide, um programa da BBC britânica. Apesar da dificuldade em transcrever as categorias teóricas para o plano da prática, Codificação/Decodificação se consolidou um marco de transição nos Estudos Culturais, influenciando os trabalhos do CCCS ao longo da década de 1980 e a corrente latinoamericana de estudos de recepção.

Assim, deslocamento de interesses dos Estudos Culturais, do texto para os receptores, tem servido para se repensar as pesquisas de recepção midiática. Essa apropriação se refere, especialmente, à aproximação dos conceitos de comunicação e cultura, conferindo legitimidade à vivência cotidiana dos sujeitos, bem como às mediações em que estão socialmente inseridos. Nas palavras de Jacks (1993, p. 48-9), a recepção “não se dá apenas no momento de interação com os meios de comunicação, mas começa bem antes e termina bem depois, fundindo-se com as práticas cotidianas dos receptores”.



Os Estudos Culturais permitem uma problematização mais elaborada da recepção, em que as características socioculturais dos usuários são integradas na análise não mais de uma difusão, mas sim, de uma circulação de mensagens no seio de uma dinâmica cultural. (LOPES; BORELLI; RESENDE, 2002, p. 29)

De uma maneira simplista, se poderia definir que o distintivo entre os Estudos Culturais e as pesquisas de recepção está no fato de que estas abarcariam a parte empírica e, aqueles, o âmbito teórico, na reflexão sobre um mesmo objeto. Para Ronsini (2000), porém, tal diferenciação não é satisfatória: “Seguindo McQuail (1997: 18-19), entendemos, portanto, que a análise de recepção é efetivamente a pesquisa de audiência dos Estudos Culturais modernos.” (RONSINI, 2000, p. 18).

A análise de recepção, assim entendida, tem mobilizado esforços de pesquisadores na tentativa de entender como os sujeitos interpretam, re-significam e dão sentido ao que ouvem, vêem e lêem. A chamada corrente latinoamericana dos Estudos Culturais de recepção, ‘inaugurada’ no momento em que Martín-Barbero (2001) propõe o deslocamento dos meios às mediações, coloca a cultura no cerne desta questão, ao considerar as teias relacionais e institucionais em que o sujeito-receptor está envolto.

Já a teoria das Multimediações surgiu a partir da crítica à importação de modelos pré-formatados para análise da mídia e foi o mote que levou intelectuais latinoamericanos a lançarem um olhar genuíno sob as sociabilidades dos sujeitos imbricados nesta (outra) cultura e, assim, desenvolverem um conjunto de pressupostos de cunho teórico e metodológico mais adequado para se interpretar tal realidade.

(...) na América Latina, a diferença cultural não significa, como talvez na Europa e nos Estados Unidos, a dissidência contracultural ou o museu, mas a vigência, a densidade e a pluralidade das culturas populares, o espaço de um conflito profundo e uma dinâmica cultural incontornável. (MARTÍN-BARBERO, 2001, p. 28).

O conceito-chave para entender a vertente latinoamericana dos Estudos Culturais de recepção é a mediação, já que o ‘outro lado’ do processo comunicacional – o da audiência – só foi passível de entendimento quando a comunicação se tornou uma questão de mediação mais que de meios.

As mediações são esse ‘lugar’ de onde é possível compreender a interação entre o espaço da produção e o da recepção: o que se produz na televisão não responde unicamente a requerimentos do sistema industrial e a estratégias comerciais, mas também a exigências que vêm da trama cultural e dos modos de ver (MARTÍN-BARBERO; MUNHOZ, 1992, *apud* LOPES; BORELLI; RESENDE, 2002, p. 39).



Para Martín-Barbero, as mediações, ou seja, “os lugares dos quais provêm as construções que delimitam e configuram a materialidade social e a expressividade cultural da televisão” (2001, p. 304) são a cotidianidade familiar, a temporalidade social e a competência cultural.

Já o mexicano Orozco Gómez (1997) se preocupou em, além de situar empiricamente as mediações, entendê-las em conjunto. Para o autor, os sujeitos-receptores, ao atribuírem sentido às mensagens midiáticas, são interpelados por diversas fontes de mediação, e, portanto, o termo correto seria *multimediações*. Nesse contexto de múltiplas mediações, Orozco destaca cinco delas, antes como um recurso metodológico que como uma fragmentação teórica: mediações individuais (esquemas mentais ou repertórios pessoais); mediações institucionais (família, escola, trabalho); massmediáticas (televisão, rádio, mídia impressa), situacionais (situação específica de audiência) e, finalmente, mediações de referência (gênero, idade, classe social).

2. O radiojornal *Ecolândia*: meio ambiente e qualidade de vida em pauta

Pautado pelas temáticas do meio ambiente e da qualidade de vida, o “*Ecolândia*: o mundo onde a gente vive” possui uma trajetória de quatro anos de veiculação na Rádio Comunitária Caraí FM, cuja área de cobertura é a região sul da cidade de Santa Maria, no Rio Grande do Sul. O *Ecolândia* é um dos projetos de Extensão do Programa de Educação Tutorial dos Cursos de Comunicação Social (PETCom) da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Produzido e apresentado semanalmente por integrantes do PETCom e por voluntários, o programa tem duração de uma hora, indo ao ar, ao vivo, às sextas-feiras, às 6 horas da tarde, com reprise às segundas-feiras, às 7 horas da manhã. A cada semana, um tema de interesse público é abordado.

O quadro “Biologia em Comunidade” fica sob a tutela dos integrantes do PET Biologia e não necessita seguir a temática apontada. Os alunos discorrem sobre os assuntos de forma especializada, conforme a ótica da Biologia. Os outros quadros do *Ecolândia* são revezados, sendo que todos os integrantes passam por todas as funções. A “Entrevista”, o “Microfone Aberto” e a “Reportagem” são pautados pela matéria semanal. A “Entrevista” e a “Reportagem” priorizam fontes que sejam ligadas à região de abrangência da Caraí FM. Ambas costumam variar o seu tempo entre 6 e 9 minutos. No “Microfone Aberto”, os repórteres saem às ruas próximas à Rádio para saber a opinião dos moradores sobre o tema da semana. No início da produção do “*Ecolândia*”,



esse quadro tinha a palavra de apenas um morador. Hoje preferimos a pluralidade de opiniões, pois, dessa forma, os ouvintes são melhor representados.

Em “A cidade onde a gente vive”, o objetivo é tratar da história do Município através dos monumentos ou de algum lugar que seja característico para Santa Maria. Na mais recente reformulação do programa, o quadro “Perfil” foi adicionado. A ideia do quadro surgiu devido às inúmeras histórias que chegam à produção sobre os moradores da região sul. A cada programa, um personagem diferente é observado por um repórter e tem sua vida contada na Carai FM. Tanto o “A cidade onde a gente vive” como o “Perfil” não precisam seguir o tema da semana. A lógica desses quadros é ter uma boa história a ser divulgada.

As notícias e as dicas culturais são lidas ao vivo, pelos apresentadores da semana. A prioridade das notícias é informar o ouvinte sobre o que acontece no Bairro Urlândia, onde fica situada a Rádio Carai FM. No entanto, notícias importantes sobre a cidade, o Estado e o país não são desprezadas. As dicas culturais falam de diferentes eventos acessíveis ao público, tanto em relação à distância, quanto em relação aos custos.

O “Que bicho é esse?” consiste em um quadro interativo em que três dicas a respeito de determinado animal são lidas e, a seguir, o som emitido por ele é veiculado. O público é questionado sobre qual animal produz aquele som. O telefone da rádio é disponibilizado e o nome dos ouvintes que participam é anunciado ao final de cada programa.



3. O ‘outro’ lado: os ouvintes

Para a realização do presente estudo de recepção foram entrevistados seis moradores da comunidade de abrangência da Rádio Carai: Elói¹², 40 anos, chapeador; Cristina, 48 anos, farmacêutica; Zilá 50 anos, estudante de psicologia; Lena, 52 anos, costureira; e Maristela, 54 anos, costureira. À exceção de Cristina, que trabalha no bairro, mas mora em outra região da cidade, todos os entrevistados vivem no entorno da Rádio e são partícipes de um contexto de carência econômica.

O rádio é a mídia de referência de cinco dos seis entrevistados. Ele é ligado pela manhã e, geralmente, assim permanece durante todo o tempo em que os ouvintes estão em casa ou no trabalho. As horas de audiência diária apontadas pelos entrevistados variam de 5h a 14h/dia. A exceção desta problemática é a entrevistada Cristina, que diz ouvir rádio apenas quando está em trânsito e acha incômodo manter o aparelho ligado durante o trabalho. Para ela, diferentemente dos demais, e referencialidade noticiosa e de entretenimento está nos canais fechados de televisão. Os outros cinco entrevistados rechaçaram a televisão por ser pouco prática, ou seja, requer atenção auditiva e visual.

No que tange às funções do rádio, fazer companhia é a principal delas, e informar aparece em segundo lugar. Novamente, é Cristina a exceção: para ela, rádio é sinônimo de programação musical. Já para duas entrevistadas de baixa escolaridade (Maristela e Lena) mais que informação, o rádio transmite conhecimento. Ambas citam o radiojornal A Voz do Brasil como exemplo de programação que supre, mesmo que minimamente, sua carência no que tange à educação formal:

Se tu não escuta nada, tu não sabe nada. Às vezes tu não tem um estudo pra saber, então vai pelo rádio que tu sabe de tudo” (Maristela).

A preferência da maioria dos entrevistados está na programação oferecida pela Rádio Comunitária Carai FM, embora outras emissoras, especialmente as AM, possam aparecer devido a alguma especificidade. O porquê de tal prioridade, porém, não é explicado de forma racional, mas pelo hábito, simplesmente. Sobre as carências da grade radiofônica, Cristina aponta programas noticiosos que se pautem pela isenção e se

¹² Com o intuito de preservar os entrevistados, os nomes utilizados neste artigo são fictícios.



privem de comentários e Maristela enfatiza a necessidade de um radiojornal voltado a alertar a população acerca de questões relacionadas à saúde.

Falando-se, especificamente, sobre o radiojornal Ecolândia, dos seis entrevistados, metade tem por costume ouvi-lo e metade desconhece sua existência. O hábito da metade que ouve, porém, parece estar mais relacionado ao fato de o rádio permanecer ligado o dia todo que à audiência específica do radiojornal enquanto programa que desperta o interesse por si só.

Meio ambiente, para todos os entrevistados, está ligado a problemas ecológicos locais. Quando incitados a sugerirem pautas que se inserissem em tal problemática, apareceram questões sobre o mau destino dado ao lixo, ao descuido com animais domésticos, à sujeira deixada nos pátios, ao percurso inapropriado dado ao esgoto: todos esses, exemplos reais e locais vividos cotidianamente por tal comunidade. Entretanto, os seis entrevistados dizem acreditar que o meio ambiente é uma temática de grande pertinência para ser tratada no rádio. Cristina, que poderia ser considerada a única pertencente à classe-média na amostra, duvida que a população de baixa renda tenha, de fato, interesse por tais questões:

“Não sei se chama a atenção esse tipo de programa. Por que assim, eu acho, que esse tipo de trabalho é mais elitizado. Se você vai conversar com seu coisinha que passa aqui todo o dia, que é operário, não sei se ele tá ligado nisso”. (Cristina)

Nesse sentido, vê-se, também, que os ouvintes entrevistados esperam que os programas radiofônicos, no caso, o Ecolândia, sejam responsáveis por ações efetivas que provoquem algum tipo de mudança prática, seja real ou de comportamento.

4. Considerações Finais

Por intermédio das entrevistas semiestruturadas realizadas com seis ouvintes radiofônicos infere-se que o Ecolândia consegue suprir, em suas abordagens temáticas, as representações que a audiência tem acerca do meio ambiente: problemas ecológicos locais e de influência cotidiana.

Também pôde ser ratificada a centralidade do rádio para as classes populares, transcendendo sua função mais comum, a de entretenimento, e chegando a suprir,



mesmo que minimamente, carências estruturais, como a falta de educação formal de tais comunidades.

A questão do embate social, entre ouvintes de diferentes classes, impôs-se no decorrer do trabalho, embora não fosse o objetivo deste artigo. O fato de a única entrevistada de classe média ter respostas sempre díspares dos outros cinco é característico de que existe, sim, um conflito de classe – ou pelo menos uma dissonância – no que se refere à recepção de bens midiáticos, o que ratifica os pressupostos dos Estudos Culturais e das multimedicações, supracitados.



4. Referências Bibliográficas

ESCOSTEGUY, Ana Carolina. **Cartografia dos Estudos Culturais: uma versão latino-americana**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

HALL, Stuart. Codificação/decodificação. In: SOVIK, Liv. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

JACKS, Nilda. **A Recepção na Querência: estudo da audiência e da identidade cultural gaúcha como mediação simbólica**. São Paulo, 1993. Tese de doutorado. Escola de Comunicação e Artes. Universidade de São Paulo.

_____ (coord.); MENEZES, Daiane; PIEDRAS, Elisa. **Meios e audiências: a emergência dos estudos de recepção no Brasil**. Porto Alegre: Sulina, 2008.

_____; ESCOSTEGUY, Ana Carolina. **Comunicação e recepção**. São Paulo: Hacker Editores, 2005.

JOHNSON, Richard; ESCOSTEGUY, Ana Carolina; SHULMAN, Norma. **O que é, afinal, Estudos Culturais?** Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2001.

_____. REY, Germán. **Os exercícios do ver: hegemonia audiovisual e ficção televisiva**. São Paulo: SENAC, 2001.

MORLEY, David. **Televisión, audiencias y estudios culturales**. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1996.

RONSINI, Veneza M. **Entre a capela e a caixa de abelhas: identidade cultural de gringos e gaúchos**. Tese - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas - USP. São Paulo, 2000.

SILVA, Tomas Tadeu da (org.); HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000.

SOUSA, Mauro Wilton de (org). **Sujeito, o lado oculto do receptor**. São Paulo: Brasiliense, 2002.

TRAVANCAS, Isabel. **Juventude e televisão: um estudo de recepção do Jornal Nacional entre jovens universitários cariocas**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007.

WOLF, Mauro. **Teorias da Comunicação**. Lisboa: Editorial Presença, 1992.